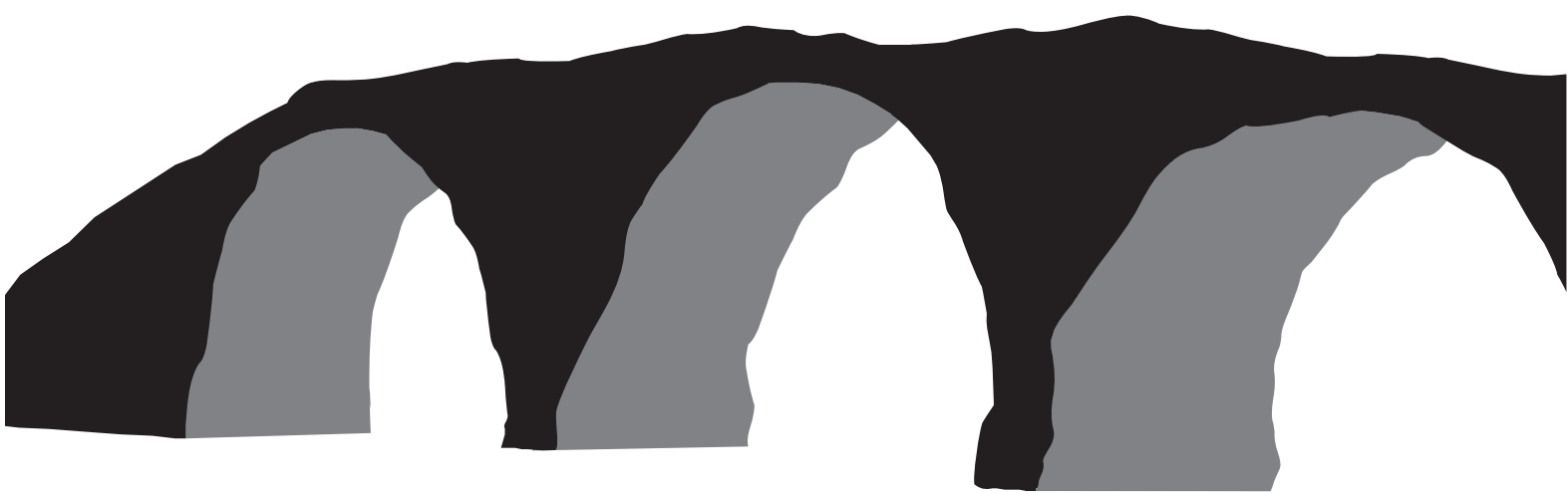


VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 2 | Número 2 | Julho – Dezembro 2008

ISSN 1981-5875

RESENHAS



RESENHA

Chris Gosden, *Archaeology and Colonialism. Cultural contact from 5000 BC to the present*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006, 200pp, ISBN 0521787955.

Pedro Paulo A. Funari

Chris Gosden tem se notabilizado por sua leitura crítica da Arqueologia e este volume constitui um aporte substancial, ao destrinchar as relações entre a disciplina e o colonialismo. Inicia por considerar que a Arqueologia tem um papel especial no estudo do colonialismo, por ser a única disciplina que trata de todas as formas coloniais, ao longo dos milênios. Critica a abordagem dos sistemas mundiais (world system), por desvalorizar as especificidades históricas locais, a cada caso. Difere, também, da vertente pós-colonial, ao considerar que as diversidades locais ganham se colocadas em um quadro comparativo mais amplo e, ainda mais, por avaliar que a cultura material não foi devidamente levada em conta pelos teóricos pós-coloniais.

O conceito moderno que funda o colonialismo provém de Locke e sua reapropriação do conceito latino de *res nullius* e *terra nullius* (coisas e terra de ninguém). Segundo esta visão, o colonizador considerou o bárbaro como desprovido de pretensão e direito à terra e seus bens, de modo que tudo estava aberto à sanha colonial. Em seguida, desenvolve o conceito de *middle ground*, grupo humano que serve de intermediário entre uns e outros e que tem o potencial de transcender a divisão entre conquistadores e conquistados. Menciona o caso dos nativos que, por vontade própria, serviam de intermediários entre romanos e bárbaros. Outro caso estudado refere-se às chamadas colônias gregas no Mediterrâneo ocidental, na primeira metade do primeiro milênio a.C. Caracteriza-as como políglotas e híbridas.

O estudo das formas mais precoces de colonialismo, na Mesopotâmia do terceiro milênio a.C., ou mesmo dos gregos pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro, mostra que pode haver colonialismo sem colônias. São processos pelos quais os valores ligados à cultura material são criados e apropriados por uns poucos e se tornam atrativos para uma elite em amplas áreas, mas mantém um centro simbólico de referência, na Mesopotâmia Meridional ou na Grécia, parte importante do seu poder. Já na Mesopotâmia, as trocas eram freqüentes e as formas de identidade

* Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Núcleo de Estudos Estratégicos, Brasil, pesquisador associado, Universidade Estadual de Illinois e Universidade de Barcelona, ex-secretário geral do Congresso Mundial de Arqueologia.

eram fluidas, antes que fixas, com a formação de uma esfera cultural compartilhada (*koiné*). Os modelos tradicionais consideram que os gregos exportaram sua cultura (e.g. Boardman), enquanto hoje se enfatiza as noções de hibridismo e creolização. Geralmente pensamos que as pessoas acumulam riquezas, mas são as riquezas que atraem as pessoas. A riqueza levou uma diversidade de povos e pessoas, assim como elementos da cultura material, a Pithecoussai, muitos deles locais, não colonizadores. As colônias alteram as metrópoles tanto ou mais do que o contrário, na Grécia e alhures. Gosden adverte que os conceitos de hibridismo e creolização devem ser vistos com cuidado, pois parecem implicar a existência, em algum momento, de identidades fixas e imutáveis. Propõe, contudo, que há momentos de cristalização de identidades, como no caso da luta dos gregos contra os persas, no V século a.C. Não deixa de enfatizar que o contexto do colonialismo do século XIX e XX levou a uma leitura do passado à luz da experiência moderna que pregava a exportação da civilização para os incultos, algo que, aplicado a outras épocas e culturas não faz sentido.

Dedica um largo capítulo ao papel do *middle ground*. Cita o exemplo da relação entre franceses e nativos no continente norte-americano e o papel paradoxal das indígenas, devotas conversas ao catolicismo, na catequização de seus maridos franceses pouco respeitosos dos preceitos cristãos. Reversão de valores que muito nos diz sobre os paradoxos da dinâmica colonial. A partir do caso romano, considera que os nativos não adotaram a cultura romana, conforme apregoado pelo modelo interpretativo da romanização. Os provinciais participaram e criaram novas formas culturais híbridas. A heterogeneidade já caracterizava a Itália e o domínio romano na península itálica tampouco apagou a diversidade. Pondera que a expansão do Cristianismo representou uma imensa progressão de aspectos culturais provenientes do oriente.

Em seguida, ao tratar do conceito moderno de *terra nullius*, lembra que a explicação marxista do colonialismo, como resultado do capitalismo, de maneira surpreendente deixa de lado os objetos, a cultura material. Tributa às doenças trazidas pelos europeus e africanos o rápido declínio da população indígena do continente americano, de modo que a biologia explica, tanto ou mais do que o capitalismo, o rápido avanço europeu nas Américas. A colonização da Irlanda pelos protestantes ingleses foi equiparada, à época, àquela dos romanos na antiga Bretanha. O capitalismo, per se, não é suficiente para explicar esse mundo moderno. Aqueles que viviam nas colônias britânicas, no que viria a ser os Estados Unidos, não seguiam apenas os ditames da metrópole, nem apenas sua cultura material georgiana, mas interagiam e se modificavam pelo contato com os indígenas e africanos. Interpreta a cerâmica de tipo colono (*colono ware*) como prova do compartilhamento cultural de africanos e indígenas nos Estados Unidos. A produção em massa de objetos levou à criação de um modo particular de subjetivi-

dade e sociabilidade: surgiu o indivíduo. Os subalternos foram considerados como o outro, não como exteriores à sociedade. Os africanos escravizados não eram estranhos à sociedade colonial, eram do seu interior, tratados como um outro. O livro conclui-se com um capítulo sobre o poder, no qual mostra como o estado nacional dos últimos duzentos anos condicionou nossa leitura do colonialismo, ao pensar em identidades e fronteiras fixas e delimitadas. Para isso, considera útil o conceito, derivado de Michel Foucault, de biopoder, mas acrescenta que a ele deve ser adicionada uma atenção particular aos objetos. Biopoder e comunidades imaginadas são conceitos úteis, mas que pouco atentam para os elementos materiais que são ingredientes vitais da vida em sociedade.

O livro de Gosden constitui uma contribuição significativa para a Arqueologia da nossa época. Mostra a importância da desconstrução dos conceitos históricos, sua historicidade recente. Assim, complexidade social, identidade homogênea, ou aculturação são conceitos de nossa época, usados por colonizadores para submeter colonizados. Se usados pelos arqueólogos, tornam naturais pontos de vista em nada neutros, mas comprometidos com a dominação. Em seguida, ressalta a importância da teoria social para a disciplina, em particular em sua crítica aos modelos normativos e homogeneizadores das sociedades humanas. Por fim, mostra como a definição de uma Arqueologia do mundo moderno é problemática, ao considerar a Arqueologia Histórica como atinente a todas as sociedades com escrita. O colonialismo ganha muito ao ser colocado no contexto mais amplo dos últimos seis mil anos. Leitura inspiradora, servirá a todos os interessados em uma Arqueologia como prática reflexiva.